

SABER, CONHECIMENTO E REFLEXÃO NUMA ERA PLANETÁRIA

George Roberto dos Santos*

RESUMO: *O artigo tem por objetivo identificar e analisar, na teoria da complexidade de Edgar Morin, como se pode constituir saber, conhecimento e reflexão em meio a uma fragmentação dos saberes hiperespecializados, apropriados pelos processos do conhecimento na era moderna e prorrogados até nosso século (XX e XXI). Estaremos apresentando a perspectiva de religação dos saberes defendida pelo filósofo contemporâneo Edgar Morin, que criou o paradigma da complexidade (complexus – o que é tecido junto) como sendo a alternativa mais viável para um aprendizado que enfrente os desafios da atualidade – uma era planetária.*

Palavras-chave: Complexidade; Religação dos Saberes; Era Planetária.

INTRODUÇÃO

Estaremos pensando a tríade – saber/conhecimento/reflexão – partindo da via da complexidade apresentada pelo filósofo francês Edgar Morin (1921), que abre uma perspectiva de pensamento pelo qual não se pode conhecer senão pelo *complexus*¹ de que são constituídas as realidades (reais, lógicas) nas suas totalidades e nas suas particularidades. Dentro desta tecedura conjunta, interdependente, multidimensional, onde o todo e a parte são constituintes inerentes de um mesmo real e de suas relações – cosmo, homem e conhecimento – é que se torna possível pensar num conhecimento capaz de dialogar com os diversos meios que o constituem sem sua separação e deformação, permitindo assim que o homem não seja induzido por si mesmo, nem por outrem, à fragmentação – diversos cortes disjuntivos onde cada pedaço é responsável por uma atividade independente e estudada separadamente. É nesta perspectiva que este trabalho será desenvolvido, sendo que ele é fruto das pesquisas desenvolvidas para a elaboração da monografia de conclusão do bacharelado em Filosofia (matutino) que tem como tema: “O paradigma da complexidade em Edgar Morin”.

Edgar Morin é um pensador que vem se destacando no cenário mundial atual pelas suas fortes interferências no que diz respeito ao ato de pensar, articular e promover um diálogo entre diversas áreas do saber, tendo como base de todo seu pensamento a complexidade. Por verificar a diversidade com que é constituída a realidade e o conhecimento, Morin critica severamente a fragmentação do conhecimento por verificar uma insuficiência na elaboração e aplicação do saber. Cada vez mais se sabe mais sobre pouco, pouco se sabe sobre o todo e pouco se faz pelo todo, porque se perdeu a noção de totalidade-diversidade-integração com que são constituídas as coisas e o pensar. Por esta razão, tem-se necessidade, urgentemente, de um método² que seja

* Acadêmico de Filosofia da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: geobertsantos@yahoo.com.br. Orientador: Giorgio Borghi, doutor em Filosofia, professor do Departamento de Filosofia do Instituto de Teologia da UCSal.

¹ Complexus, termo latino que quer dizer: “aquilo que é tecido junto”.

² É importante verificar que para Morin o termo “método” não está atrelado à idéia moderna de método, como leis determinadas para chegar a uma verdade, um caminho anteriormente traçado para alcançar determinado fim, ou uma receita de aplicação quase mecânica. O método, para Morin, é um *memento* (lembrete) que se tem para iniciar um caminho.

capaz de apreender a complexidade do real; de integrar respeitando a singularidade e, ao mesmo tempo, inserir o pensado no seu todo. Para isto, é preciso um ensino transdisciplinar, que forme cidadãos planetários, solidários e éticos, aptos a enfrentar os desafios dos tempos atuais. Para Morin, o intelectual de hoje deve ser polivalente.

COMPLEXIDADE: O TECER JUNTO

Não se pode falar de complexidade sem antes observar como se tem pensado e determinado a maneira de conhecer das ciências clássicas. Morin constata que o conhecimento científico clássico consiste em explicar o visível complexo pelo invisível simples. Isto está subjacente e se tornou dogma para as ciências. O princípio das ciências clássicas é claramente o de “legislar, colocar as leis que regem os elementos fundamentais da matéria da vida; e para legislar ela deve disjuntar, isto é, isolar os sujeitos às leis” (MORIN, 2000, p. 45). O pensamento clássico se fundamenta nos princípios de “legislar, disjuntar, reduzir”. Este é um processo que Morin não tem a pretensão de abolir, contudo estas “práticas do conhecimento são insuficientes.” Por um lado, na modernidade nos deparamos com uma ciência de inspiração cartesiana que ia muito logicamente do complexo ao simples, saindo assim de elementos universais e chegando ao particular. Por outro lado, o pensamento científico contemporâneo tenta ler a complexidade do real sob a aparência simples dos fenômenos, mas não existe fenômeno simples. Prova disto é o exemplo do beijo que Morin nos apresenta.

Pensem naquilo que é preciso de complexidade para que nós, humanos, a partir da boca, possamos exprimir uma mensagem de amor. Nada parece mais simples, mais evidente. No entanto, para o beijo, é preciso uma boca, emergência de evolução do focinho. Foi preciso que houvesse a relação própria dos mamíferos, na qual a criança mama na mãe e a mãe dá de mamar à criança. Foi preciso, portanto, toda a evolução complexificadora que transforma o mamífero em primata, depois em humano; e, anteriormente, toda a evolução que vai do unicelular ao mamífero. O beijo, além do mais, supõe uma mitologia subjacente que identifica a alma ao sopro que sai da boca: ele depende das condições culturais que favorecem sua expressão (MORIN, 2000, p. 45).

Para que melhor haja a compreensão do que verificamos acima, vejamos agora o que é dito sobre o pensamento complexo, ou sobre a complexidade, segundo Morin. O termo complexidade vem do latim “complectere”, seu radical é “plectere” e quer dizer trançar, enlaçar. Já o prefixo “com” traz uma denotação de dualidade, de elementos opostos que enlaçam intimamente, sem haver a anulação da dualidade. Assim, podemos afirmar que complexidade é trançar, enlaçar dualidades intimamente, sem perder a identidade de cada uma.

Complexus é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do complexus não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram (MORIN, 2001, p.188).

Isto nos dá uma breve base de como é vista a complexidade no pensamento de Morin, ela não é um sistema globalizante onde determina apenas universalmente as realidades e basta isto. A complexidade tem um objetivo muito mais ambicioso e mais prático: identificar os diversos fios com que são constituídas a realidade e as realidades, provocando uma aprendizagem e um pensamento também construído dentro desta dinâmica complexa onde é necessário verificar a

diversidade dos fios que a compõem, sem perder de vista a unidade e a multiplicidade de cada constituinte.

Morin diz que a ambição da complexidade

é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões (MORIN, 2001a, p. 176-177).

De uma forma muito clara e sucinta, Petraglia nos mostra o que é a complexidade para Morin.

Um tipo de pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana. Trata-se de um pensamento que integra os diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas, simplificadores e disjuntivos. Esse pensamento considera todas influências recebidas, internas e externas, e ainda enfrenta a incerteza e a contradição, sem deixar de conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes. Enfatiza o problema e não a questão que tem uma solução linear. Como o homem, um ser complexo, o pensamento também assim se apresenta (PETRÁGLIA, 2002, s.n.).

A complexidade pauta-se por três princípios³ que se inter-relacionam: o dialógico, o recursivo e o hologramático. “O termo dialógico quer dizer que duas lógicas, dois princípios, estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade” (MORIN, 2001a, p. 189). O recursivo, por seu turno,

[...] é o que nega a determinação linear e que promove a criação de novos sistemas e pode ser entendido como processos em circuitos, de modo que os efeitos retroagem sobre as causas desencadeadoras [...] É um processo organizador necessário e múltiplo que envolve tanto a percepção como o pensamento (PETRÁGLIA, 2002, s.n.).

Por fim, o hologramático apresenta o paradoxo nos sistemas onde “podemos dizer que não só a parte está no todo, mas também que o todo está na parte” (MORIN, 2001a, p. 181). Ele parte da imagem física do holograma que concentra em si todos os pontos e é projetada no espaço em três dimensões (relevo, cor e presença). Estes princípios não podem ser tomados individualmente na complexidade, eles estão interdependentes, complementares, antagônicos e interligados. O próprio Morin irá afirmar que “a ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que por sua vez está em parte ligada à ideia dialógica” (MORIN, 2003, p. 109).

Por estar verificando os diversos fios que constituem tudo (na sua totalidade e na sua particularidade), a complexidade também lida com aquilo que o pensamento clássico e moderno chamou de desordem, contraditório, negativo, incerto, portanto excluído do constituído. Mesmo existindo as contradições, estas estão intrínsecas ao tecido do real e do conhecimento. O estudo do real deve levar em conta todos os seus elementos, desde os que nós chamamos de positivos aos negativos, sem excluí-los ou negá-los como imprestáveis.

³ Estes três princípios da complexidade serão de fundamental importância para a compreensão de toda discussão do pensamento de Morin.

SABER, CONHECIMENTO E REFLEXÃO – RELIGAÇÃO

Somos seres multidimensionais, ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais; assim sendo, o que fará a complexidade é justamente a “articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos” (MORIN, 2001a, p. 176). É nesta perspectiva que a complexidade deve nos levar a uma compreensão e articulação dos saberes, verificando os diversos fios que os teceram, a uma religação dos saberes.

O pensamento complexo que Edgar Morin propõe não reduz o conhecimento a uma “área do saber”, como a ciência tem feito atualmente com suas especializações. Para ele a especialização dos saberes, ou melhor, a “hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve) [...] O recorte das disciplinas impossibilita apreender ‘o que está tecido junto’” (MORIN, 2002, p. 41). Impossibilita apreender o complexo. Com isto, deslindar um pensamento complexo implica uma interligação dos saberes onde seja possível “estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo” (MORIN, 2002, p. 14). Para que isto aconteça, é de fundamental importância “um conhecimento que seja capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (MORIN, 2002, p. 14).

Nesse contexto, é importante verificar que constituir conhecimento, saber e reflexão de forma dialógica implicam a percepção complexa do que somos, de quem somos complexamente, já que o que nos torna ser no mundo e com o mundo são as interações via a reflexão. Isto porque “a consciência é produto e produtora da reflexão [...] é muito mais do que um jogo ótico: trata-se do retorno do espírito sobre si mesmo via a linguagem” (MORIN, 1999, p. 201). Como em nós existem elementos diversos que também são identificados em outras realidades extras, por sermos seres de linguagem, a dialógica, sendo duas lógicas, dois princípios que estão unidos sem que a dualidade se perca na unidade, implica um pronunciamento lingüístico para que outros captem e retornem para nós a mensagem, provocando assim um diálogo capaz de promover conhecimento do desconhecido e conhecimento do conhecido. Certamente não será suficiente o fechamento do conhecimento, até porque a atividade do pensar

(...) associa do modo permanente e complementar processos virtualmente antagônicos que tenderiam a se excluir. Assim, o pensamento deve estabelecer fronteiras e atravessá-las, abrir e fechar conceitos, ir do todo às partes e das partes o todo, duvidar e crer; deve recusar e combater a contradição, mas ao mesmo tempo assumi-la e alimentar-se dela. Neste sentido, o pensamento é um dinamismo dialógico ininterrupto (MORIN, 1999, p. 209-210).

É importante verificar que o pensamento, dentro da complexidade, “é uma atividade específica do espírito” (MORIN, 1999, p. 201), ou seja, “é a atividade de qualquer coisa, de um órgão chamado **cérebro**” (MORIN, 2000, p. 62), que se dá no e pelo espírito-cérebro, sendo este fruto de uma evolução biológica. Contudo vale lembrar que não há uma redução do espírito ao cérebro, mas cérebro “é um órgão que se pode analisar, estudar, que nós nomeamos como tal pela atividade do espírito” (MORIN, 2000, p. 62), imagem, idéia, pensamento.

Conhecer implica conhecer pelo espírito-cérebro porque é em torno deles que giram as concepções de mundo, de homem, de conhecimento. Conseqüentemente, constituir conhecimento também implica esta relação onde se levam em conta todos elementos constituidores tanto do pensado (objetos, natureza, conhecimento, etc), quanto do pensador (espírito-cérebro).

Nesta perspectiva, ao analisarmos a realidade antropossocial, esta é multidimensional, nela existirá sempre uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica.

O que se nos apresenta ou o que somos está sempre envolto de uma multidimensionalidade que, querendo ou não, para ser conhecido, avaliado ou modificado, necessita estar integrado. Não poderemos afirmar com convicção e certeza que conhecemos bem a razão humana. Se fizermos esta afirmação, partindo apenas de elementos puramente racionais, posteriormente perceberemos que existe algo que falta, já que para pensar, raciocinar, necessitamos de múltiplos fatores que nos auxiliem neste ato.

É necessário perceber que as categorias disciplinares especializadas, como é o caso do econômico, o psicológico e o demográfico, são faces da mesma realidade, são multifocais e não poderemos vê-los, percebê-los, conhecê-los sem articulação. No caso das disciplinas especializadas, é necessário percebê-las como tais, distintivamente, mas não se deve isolá-las e torná-las não comunicantes. É a comunicabilidade que as tornará menos falsificadoras da realidade humana e possibilitadora de constituir um conhecimento complementar, transdisciplinar.

O que podemos observar é que o conhecimento não é constituído de maneira individual. É muito mais diversificado do que pensamos. Para constituí-lo, faz-se necessário encontro e intercâmbio entre pesquisadores e universitários que trabalham em áreas disjuntas que, como diz Morin, enclausuram-se aí como ostras. “A questão não é que cada um perca a sua competência, mas que cada um a desenvolva o suficiente para articulá-la a outras competências, que, ligadas em cadeia, formariam um círculo completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento” (MORIN, 2000, p. 69).

Quanto mais especializada se torna a área específica do conhecimento, menos provável é a sua inter-relação, porque a tendência é satisfazer a vontade de mais conhecer-se e assim se torna um ego-conhecimento, do tipo narciso, encanta-se consigo mesmo a tal ponto que se esquece de que esta especialização é uma partícula de um todo de onde ele veio. Mesmo contendo as informações do todo, nunca será o todo porque o todo não só implica esta parte, como também partes que são diferentes e que são o todo.

Um exemplo disto é apresentado pelo próprio Morin quando se refere às nossas células e a sociedade. Segundo ele, “a totalidade de nossa informação genética está em cada uma de nossas células.” (MORIN, 2001a, p. 190) Estamos diante de um fato complexo, porque reflete e in-flete a característica do que é a complexidade. Existe uma indissociabilidade – já que fomos educados a conceber tudo dicotomizado e valorado pelo bem-bom, mal-ruim e este último, ao ser identificado como tal, deve ser descartado, negado e suprimido quer seja da vivência, quer seja do pensar. Mesmo a parte contendo a totalidade de informações, elas necessitam de outras para constituir um “corpo”, que, por sua vez, necessita das partículas para ser tal e qual é. Existe uma inter-dependência entre a parte e o todo, o todo e a parte. Quando se trata da sociedade, Morin vai dizer que “a sociedade, enquanto ‘todo’, está presente na nossa mente via a cultura que nos formou e informou” (MORIN, 2001a, p. 190). Desta maneira, não se pode dissociar a mente humana da cultura, nem a cultura da mente humana, já que as duas, sendo um “produto” do outro, relacionam-se e existem mutuamente. Assim podemos afirmar com Morin que o homem produz a sociedade e esta produz o homem, ou ainda mais concreto, nós produzimos a sociedade que nos produz.

A ERA PLANETÁRIA

Estamos sendo desafiados, a cada instante, pela complexidade que nos tira da relação suposta da clarividência total do universo e nos remete “na aventura do conhecimento que é o diálogo com o universo” (MORIN, 2001a, p.191). Esta relação se dá por meio de uma parte com um todo, de uma parte-homem com o todo-universo, que estão um no outro. Não se pode falar de homem sem se falar de universo, como também não se pode falar de universo sem se falar de

homem, porque esta relação dialógica entre o universo, que é conhecido através do diálogo, e o homem possibilita uma relação sem a negação nem de um, nem de ambos.

Falar em Era Planetária, na perspectiva moriniana, é refletir sobre um projeto educacional que desperte a humanidade para a sua condição de sociedade-mundo. Primeiramente, é necessário nos percebermos como seres da terra, termos consciência de que a nossa identidade é terrena. “A progressão e o enraizamento desta consciência de pertencer a nossa pátria terrena é que permitirão o desenvolvimento, por múltiplos canais e em diversas regiões do globo, de um sentimento de religação e intersolidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas” (MORIN, 2001b, p. 73).

É necessário e urgente percebermos que somos os responsáveis e “donos” deste espaço chamado terra e que devemos cuidá-la bem. Somos uma grande comunidade que temos que cuidar conjuntamente do que é nosso. Neste cuidado, devemos observar que estamos sujeitos às mesmas ameaças mortais: armas nucleares; perigo ecológico da biosfera; o desmatamento em grande escala; a esterilização dos oceanos, mares e rios; as poluições sem conta; as catástrofes sem limites.

2. Uma identidade humana comum: por mais diferentes que sejam seus genes, solos, comunidades, ritos, mitos e idéias, o *Homo sapiens* tem uma identidade comum a todos os seus representantes: pertence a uma unidade genética de espécie, que torna possível a interfecundação entre todos os homens e mulheres, não importando a ‘raça’; essa unidade genética prolonga-se em unidade morfológica, anatômica, psicológica; a unidade cerebral do *Homo sapiens* manifesta-se na organização singular de seu cérebro, em relação ao dos outros primatas; enfim, existe uma unidade psicológica e afetiva: risos, lágrimas, sorrisos são diversamente modulados, é claro, inibidos ou desinibidos, segundo as culturas e dos modelos de personalidade que elas impõem, riso, lágrimas, sorrisos são universais, e seu caráter inato manifesta-se nos surdos-mudos-cegos de nascença, que sorriem, choram, riem sem que tenham podido imitar quem quer que seja (MORIN, 2001b, p. 73).

Ao percebermos que pertencemos à Terra-Pátria, também verificaremos que a pátria terrena comporta e salvaguarda as diversas pátrias que nos levam a uma consciência mais enraizada e vasta de “a pátria”. Somos cidadãos planetários, contudo é necessária uma identidade nacional, continental e planetária. Precisamos reconhecemo-nos e identificarmo-nos num lar singular e local, mas, ao mesmo tempo, universal e global, que nos dará a condição de convivermos fraternalmente como concidadão na Terra-Pátria. Isto promove em nós, humanos, uma solidariedade e uma responsabilidade advindas de um sentimento de filiação pelo nosso país, continente e planeta, afirma Morin (2001b, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O diálogo com o universo é a própria racionalidade” (MORIN, 2001a, p. 191). Já não cabe mais dizer que conhecer é adequar o intelecto ao objeto, ou o objeto ao intelecto; mais do que isso, é um diálogo entre intelecto e objeto, objeto intelecto. A afirmação de um conhecimento complexo e dialógico nos convoca a nos encontrarmos e encontrarmos com um outro que está fora de nós e que somos *um* no outro. A racionalidade é justamente este diálogo, portanto não está puramente em mim; o conhecimento tem como objetivo abrir o máximo o diálogo com o universo.

O diálogo não se dá como uma forma de competição, onde o homem tem que sair vencedor. Ou então, numa relação de exploração, onde o explorador tem que tirar o máximo de

proveito. “Não é só arrancar dele o que pode ser determinado claramente, com precisão e exatidão, como as leis da natureza, mas, também, entrar no jogo do claro-escuro que é o da complexidade” (MORIN, 2001a, p. 191) e a maneira como o universo se nos apresenta.

Vale observarmos, como uma das características da cultura atual, que “o princípio da disjunção, da distinção, da associação, da oposição que rege a ciência é qualquer coisa que não somente controla as teorias, mas, ao mesmo tempo, comanda a organização tecnoburocrática da sociedade” (MORIN, 2000, p. 67). Não podemos esquecer que esta constituição hiper-dividida das ciências se dá por uma certa necessidade da sociedade atual de se organizar. Contudo existe uma ausência de complexidade nas teorias científicas, políticas e mitológicas.

Ao mesmo tempo em que se tem esta relação autônoma, tem-se uma relação inter-dependente porque, mesmo sem querer, existe uma recursão organizacional que permite uma interação das diferentes realidades constituintes do saber. O saber se dá numa relação diversificada, portanto complexa, que constituirá sempre uma organização não acabada, mas promotora de uma mudança que se dá no instante que se tem diante de si o objeto e que necessita manter com ele uma relação.

O saber se dá não somente por elementos determinados por uma cognição ordenada pelo espírito, mas as próprias realidades culturais também promovem o conhecer. Os elementos míticos de uma sociedade são determinantes não só para a compreensão de uma cultura, mas para se perceber como o povo desta cultura vive. Compreender isto não é apenas promover conhecimento, é promover vida.

“As sociedades humanas, as sociedades arcaicas têm mitos de base, mito comunitários, mitos de ancestrais comuns, mitos que lhes explicam sua situação no mundo. Ora, essas sociedades não podem completar-se enquanto sociedades humanas se não houver esse ingrediente mitológico; o ingrediente mitológico é tão necessário quanto o ingrediente material” (MORIN, 2000, p. 67).

Podemos pensar com Morin que esta relação complexa de compreensão do homem se dá ao mesmo tempo em associação e em oposição à natureza. Sempre há uma relação de afirmação e negação com quem se está interagindo. Quer dizer, o incluir implica excluir para que se tenha uma identidade, mas uma identidade que não exclua o que se está observando de sua relação com a totalidade que o torna tal e qual ele é.

Estamos situados num saber que não é certo e irrefutável, prova disto foi a modernidade, o período das luzes, da racionalidade que não se conseguiu constituir uma ordem social onde esta clarividência tomasse forma. O que está claro para nós é que o saber se dá de forma plural. Não estamos procurando um trono onde se estabeleça a soberania de um saber claro e distinto, até porque este não existe; o que existe é sempre uma incerteza que sempre nos desestabiliza das garantias prováveis do saber e sempre nos coloca numa busca e nos faz responsáveis pelo mundo, nossa terra-pátria.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis de. **Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raú Domingo. **Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.



MORIN, Edgar. **Método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **Ciência com Consciência**. 5^a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. **A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

_____. **Os Sete Saberes necessário à Educação do Futuro**. 6^a ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Complexidade e Auto-ética**. In.

<http://www.geocities.com/complexidade/izabe.html>. Acesso em 13 de dez. 2002.